

AS COMPETÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO LICENCIADO EM GEOGRAFIA: SEDUC/RO ATRIBUIÇÕES E PRÁTICA

SHEILA CASTRO DOS SANTOS
Doutoranda da Universidade Federal do Paraná
sheila1705@gmail.com

CARLANDIO ALVES DA SILVA
Licenciado em Geografia
Universidade Federal de Rondônia
oidnalrac@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe-se a ser difusor das habilidades e competências que o licenciado na ciência geográfica deve possuir ao assumir uma cátedra de professor em geografia no estado de Rondônia. Percebeu-se que o ensino da geografia deve possuir uma abordagem mais marcante para evidenciar as categorias de análises geográficas, essas identificadas como: Espaço, Lugar, Região, Território, Paisagem, e as sub categorias territorialidade, espacialidade, área, relevo, dentre outras, sem aparecerem que fossem apenas informações distantes da realidade do aluno, e em algumas vezes tão superficial que os alunos não identificam onde há intrínseco à abordagem geográfica, talvez por isso nas séries iniciais algumas vezes a disciplina de geografia é confundida com a de história. Destarte, percebe-se que nas instituições públicas de ensino fundamental e médio existem algumas deficiências no que diz respeito a instigar ao aprendizado aos assuntos da disciplina de Geografia.

Palavras-chave: Habilidades, Competências, Geografia, Licenciado.

Abstract: This article proposes to the diffuser of abilities and competencies that the licensee in geographical science should have to take a teaching professorship in geography in the state of Rondônia. It was perceived that the teaching of geography must have a stronger approach to evidence the categories of geographical analysis, those identified as: Space, Place, Region, Territory, Landscape, and sub categories territoriality, spatiality, area, relief, among other without appearing to be only distant information from the reality of the student, and sometimes so shallow that students do not identify where there are intrinsic to the geographical approach, so maybe in the early grades sometimes geography discipline is confused with history. Thus, it is clear that the primary and secondary education public institutions there are some deficiencies with regard to instigate for learning the subjects of Geography discipline.

Key-words: Abilities, Competency, Geography, Licensed.

Introdução

Este texto possui o objetivo de evidenciar algumas espacialidades produzidas durante as experiências pedagógicas do professor de geografia, este tem seu início forjado a partir do ingresso no curso de licenciatura, desse modo, visa-se discutir algumas habilidades e competências da prática docente e a aplicação metodológica apropriada sobre o ensino da ciência geográfica, analisando a prática educativa desta disciplina. Para tal utilizou-se o método indutivo e a técnica metodológica de pesquisa bibliográfica.

Destarte, a partir da análise da prática educativa aprendida pelo docente durante sua vida acadêmica e profissional visou-se a discursão de conhecimentos e a aplicação metodológica apropriada sobre o ensino da ciência geográfica. Pois, entende-se que a escola é um espaço indicado para o aprendizado e a inclusão do indivíduo à sociedade, onde segundo as instruções que existem no PCNs nela o dever dos professores é desenvolver nos alunos a compreensão de:

cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; desenvolver o conhecimento ajusta o de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania, etc. (PCNs, 1998, p. 6-7).

Essas práticas pedagógicas são moldadas e idealizadas como exemplos a serem seguidos pelos docentes, contudo o cotidiano da práxis educacional enquanto ordenamento sistêmico do conhecimento não possui nas regiões do país sua aplicabilidade, a extensão do território brasileiro, sua divisão política administrativa, as diferenças regionais e culturais são algumas constantes a serem computadas as quais demonstram as dificuldades para que as políticas educacionais sejam postas em prática.

A realidade que é vivenciada em Porto Velho não é muito diferente do que ocorre no restante do Brasil, e ela não condiz com a máxima elaborada para o desenvolvimento educacional do cidadão, pois o processo de aceleração urbana que cada vez mais eleva a diferença econômico-social imposta à população, desenvolve um indivíduo que seja adestrado a ser mão de obra disponível para o mercado de trabalho.

Este sendo ignorado algumas vezes como cidadão participativo criticamente no processo político nacional, pois desconhece seus direitos de cidadão, no entanto os deveres que lhes dizem respeito lhes são cobrados.

As tarefas realizadas pelo profissional da educação possuem diferentes graus de dificuldades, pois a carga de atividades que um docente deve possuir para desempenhar sua função acaba por esgotar qualquer vislumbre de melhorias para o ensino/aprendizagem do discente.

O espaço social da escola que deveria ser privilegiado por convivência pacífica, instrutiva e um ponto de referência fundamental para a constituição das identidades dos indivíduos, em muitos lugares fora transformada em *locus* de violência, exclusão política. Mesmo que o lugar (como a casa, centro de detenção, onde residem, ou a vizinhança) em que estes estão inseridos, sejam algumas vezes modeladores dos comportamentos, e não podem simplesmente retirar a parcela de culpa que o Estado possui, e que impõem ao docente participar do processo de exclusão social. Pois as atividades pertinentes a ele são deveras enfadonhas, observa-se isso nas relações de atividades propostas pela SEDUC/RO:

1. Participar da elaboração do projeto político-pedagógico da escola;
2. Elaborar e cumprir o plano de trabalho, segundo o projeto político pedagógico da escola;
3. Zelar pela aprendizagem dos alunos;
4. Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos com rendimento insuficiente;
5. Ministrando a docência nos dias letivos e horas-aula estabelecidas pela escola, incluindo a participação efetiva nos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao aperfeiçoamento profissional;
6. Participar e colaborar com as atividades de articulação da escola, com as famílias e a comunidade;
7. Comparecer pontualmente à escola e cumprir o tempo determinado ao efetivo desenvolvimento das aulas e do ensino, evitando qualquer ação ou atividade que redunde em prejuízo aos educandos;
8. Comparecer e participar de forma efetiva de reuniões de professores, pais, às sessões cívicas e demais solenidades constantes do calendário escolar;
9. Permitir a entrada do supervisor/orientador pedagógico e membros da equipe interdisciplinar na sala durante as aulas, sempre que necessário, para melhoria do trabalho pedagógico;
10. Incentivar os alunos à aprendizagem, dando-lhes apoio e orientações adequadas;
11. Manter atualizados os registros de frequência, diários de classes e ações pedagógicas, tendo em vista a avaliação contínua do processo educativo;
12. Comunicar à Direção/Administração da escola, com antecedência em caso de faltas;
13. Repor aulas sempre que não se cumprir a carga horária prevista, conforme determinado no Calendário Escolar;
14. Aprimorar e atualizar seus conhecimentos por meio da participação em congressos, cursos, reuniões, simpósios e outros estudos sempre que houver oportunidade;
15. Participar de reuniões para avaliação de aproveitamento e desempenho de alunos, junto com os conselhos classe/professores;
16. Entregar em tempo hábil relatórios de notas de avaliação de desempenho dos alunos conforme solicitação do setor pedagógico, bem como fornecer dados que se fizerem necessários, conforme o calendário escolar;
17. Comunicar aos setores responsáveis sobre faltas e ocorrências significativas relativas aos alunos e à ação educativa;
18. Participar de reuniões convocadas pela Direção em horários extraclasse;
19. Participar de ações comunitárias, eventos, promoções, conforme a necessidade;
20. Acompanhar diariamente seus alunos na rotina de ações da escola, orientando-os em momentos oportunos quanto à aprendizagem propedêutica e formação em termos de boas maneiras, relacionamentos e atitudes;
21. Manter sigilo e usar da ética profissional em todas as situações de trabalho;
22. Executar todas as atividades inerentes ao seu cargo atribuídas pela direção da escola ou setores competentes;
23. Participar das reuniões de avaliação, reavaliação, aproveitamento e desenvolvimento dos alunos:
 - a) apresentar a quem de direito registro referente às ações pedagógicas e vida escolar dos educandos, visando ao processo educativo;
 - b) analisar coletivamente os casos de aproveitamento não-satisfatório e propor medidas para superação;
24. Comunicar à Direção os casos de suspeita ou constatação de doenças infectocontagiosas para providências cabíveis;
25. Propor, discutir, apreciar e coordenar projetos educacionais conforme a necessidade dos educandos e das ações pedagógicas;
26. Atuar com compromisso, competência e dedicação, avaliando resultado com a turma/classe que lhe for designada;
27. Utilizar a biblioteca para estudos e atividades com os alunos;
28. Aperfeiçoar as relações humanas e profissionais no ambiente escolar;
29. Participar com assiduidade de

todas as situações de trabalho; e 30. Procurar conhecer seus alunos, seus interesses e habilidades. (SEDUC-RO, 2013, p. 19-20).

Essas conduzem a reflexão do que realmente o Estado busca do professor, pois este em cada sala de aula terá no mínimo 35 a 40 alunos para gerenciar, em algumas escolas há oito sextos anos, seis sétimos, oitavos, nono ano, e mais as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano. Todas essas turmas com carga de trabalho as vezes de 40 horas semanais, sem contar correções de trabalhos, provas, participação em reuniões pedagógicas, há a necessidade de uma nova prática educacional para que haja efetivamente a via de mão dupla do ensino-aprendizagem.

Elencar essas atribuições, que cada vez mais tornam-se estafante para o docente pode servir para reflexão e ação do poder público para instigar o indivíduo a tornar-se o cidadão que está descrito nos PCNs ou nos guias da secretaria de educação de cada estado da União, segundo este a:

Geografia propõe um trabalho pedagógico que visa à ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos. [...] A primeira parte do documento contém uma contextualização geral da área no ensino fundamental, descrevendo a trajetória da Geografia, como ciência e como disciplina escolar, mostrando suas tendências atuais e sua importância na formação do cidadão. Apontam-se os objetivos, conceitos¹ básicos, os procedimentos, as atitudes e os critérios de avaliação a serem ensinados, para que os alunos se aproximem e compreendam a dinâmica desta área de conhecimento, em termos de suas teorias e explicações (PCNs, 1998, p. 15).

Após as explanações evidenciadas parágrafos acima percebeu-se os diversos problemas referentes ao ensino e a aprendizagem na educação escolar, continua-se neste texto a entender as características gerais que devem possuir o licenciado na ciência geográfica.

Processo educativo nas instituições

Nas instituições públicas de ensino fundamental e médio existem algumas deficiências no que diz respeito a instigar ao aprendizado dos assuntos da disciplina de Geografia, e na forma de como devem ser repassados nas redes convencionais de ensino, esta situação contribui significativamente no processo educativo do aluno de ensino fundamental e médio.

Instigado pela problemática em foco, este trabalho não pretende se restringir apenas as barreiras informacionais ocasionados pela deficiência de ensino no Brasil, principalmente nas redes convencionais públicas, mas sim elencar posicionamentos já implícitos, mas não realizados ora por falta de profissionalismo ora por não ter como realizar tal tarefa.

Uma das tarefas básica para que o licenciado em geografia possa explicar, explicar sobre o que apreendeu e absorveu durante a graduação é entender as diferentes fases que a ciência geográfica passou, suas categorias² de análise, suas metodologias pois:

¹ Representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade (HOUAISS, 2012, 2.0).

² Utilizamos aqui a concepção de Kant para a palavra categoria, para este autor as categorias “são condições da validade objetiva do conhecimento, isto é, do juízo em que o conhecimento se concretiza, logo não vale para o objeto isolado [...] pode por isso reduzir-se a dois pontos fundamentais: 1º elas dizem respeito a relação sujeito-objeto e por isso não se aplicam a uma eventual “coisa em si” que caia fora dessa relação; 2º elas constituem as determinações objetivas dessa relação e são portanto válidas para todo pensante finito” (NICOLA, 1982, p. 115). O que a ciência geográfica possui como categoria proporciona ao pesquisador ou licenciado dispor de elementos pertencentes a esta ciência para

A produção acadêmica em torno da concepção de Geografia passou por diferentes momentos, gerando reflexões distintas acerca dos objetos e métodos do pensar e fazer geográfico. De certa forma, essas reflexões influenciaram e ainda influenciam muitas práticas de ensino. [...] O estudo do pensamento e da produção geográfica brasileira revela a necessidade de explicitar duas questões básicas. A primeira é o fato de a Geografia ter métodos que lhe são próprios. A segunda é definir o momento em que a Geografia passou a integrar o corpo disciplinar na academia, constituindo um ramo específico de pesquisa e do conhecimento científico (PCNs, 1998, p. 19).

De início temos a tentativa de uma explanação ou análises de sua gênese, bem como compreender o processo histórico que conduz ao ensino da ciência geográfica e a entender as questões problematizantes, que em vez de conduzir a um desenvolvimento da difusão em sala de aula do pensamento geográfico, simplesmente atua algumas vezes como mero meio de informação de alguns aspectos que envolvem os assuntos ordenados nos livros didáticos.

Em alguns momentos o licenciado esquece-se de que ele é o representante da ciência geográfica e não um mero reproduzidor das informações do livro didático, pois essa ciência “pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se entenda que esta ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 33).

A ABORDAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Um ponto a ser pensado no ensino da geografia é o de uma abordagem mais marcante para evidenciar as categorias de análises geográficas, essas identificadas como: Espaço, Lugar, Região, Território, Paisagem, e as sub categorias territorialidade, espacialidade, área, relevo, dentre outras. Evidenciar essas categorias não é fácil, pois os assuntos que os professores devem apresentar aos alunos são dispostos como se fossem apenas informações distantes da realidade do aluno, e em algumas vezes tão superficial que os alunos não identificam onde há intrínseco à abordagem geográfica, talvez por isso nas séries iniciais algumas vezes a disciplina de geografia é confundida com a de história.

A necessidade de evidenciar a maior parte possível das categorias e dos conceitos pertinentes à ciência geográfica deve ser o alvo de cada docente, pois é humanamente impossível saber de toda a especificidade da ciência geográfica, no entanto o licenciado deve entender pelo menos um dos conceitos pertinente às categorias e saber que existem outros conceitos que trabalham a mesma categoria, contudo utilizando outras abordagens e outras metodologias, pois a

geografia se dirige, além do saber e da inteligência, ao próprio homem como pessoa e sujeito. Um elemento onde o homem não é o mestre interventor, geralmente inconsciente, na sua experiência geográfica: “A *iluminação*”, assim observa Merleau-Ponty, “não está ao lado do objeto”, ela é “o que nos faz ver o objeto”, está no meio daquilo que somos e que ordinariamente nos escapa, e surge na paisagem. O mesmo lugar terrestre muda assim de valor segundo a estação ou a hora. [...] Cúmplice de nossa subjetividade, para não dizer do imaginário [...] Igualmente imaginário é o fato de que, nas relações indicadas por *habitar, construir, cultivar, circular*, a Terra é experimentada como base. Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda “posição” da

vislumbrar análise do que pertence ou não a geografia, elas são elementos que podem ter diversas interpretações de acordo com o conceito utilizado.

existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer (*de poser et de reposer*). (DARDEL, 2011, p. 40).

O objeto são as ações humanas, esses que são estudados para que haja compreensão de como a pessoa ou o sujeito pode ou se moldará de acordo com as experiências vividas, essas advindas também durante o aprendizado escolar, este deve apresentar não somente informações distantes da vivência dos alunos, mas conduzi-los a construir uma teia relacional entre as informações contidas no livro didático e seu cotidiano.

É, fato que são poucos os docentes que vão conduzir o aluno a construção dessa teia, pois ao longo da docência há vivências e algumas experiências, onde o sentimento de impotência é intensificado. Aulas que para alguns alunos tornam-se praticamente tortura, impede que o aluno apreenda conceitos, informações e reflexões que o auxiliem no crescimento pessoal, e por outro lado os professores frustram-se com carga horária dobrada, correções de trabalhos e prova em seus finais de semana, ou em feriados, diversos turnos e as vezes dois ou três contratos para que o salário possa melhorar, são alguns dos fatores que impedem o docente de capacitar-se cada vez mais em seu trabalho.

Detalhes como o conteúdo a ser ministrado, à análise para entender o comportamento referente a cada faixa etária dos alunos, ou a série que ele irá ministra as aulas tudo tem que ser observado e levado em conta, pois para cada assunto a ser ministrado um investimento de tempo deve ser calculado para que o professor consiga ter êxito em sua tarefa, pois:

A força criadora do imaginário só pode existir sob a forma de determinações concretas. Estas delimitações sócio históricas constituem as denominadas significações sociais. As significações sociais são as instituições, leis, valores, normas, costumes, meios de produção, formas de propriedade, estruturas, relacionamentos, *ethos* culturais e sociais... O conjunto das significações sociais se integra em forma de rede de sentidos. Cada significação social adquire seu sentido no contexto de outras significações, todas e cada uma delas se conectam numa trama maior, constituindo, desse modo, a identidade de uma determinada sociedade ou pessoa [...] As significações sociais são determinações possíveis, nunca necessárias, do modo de ser da sociedade e das pessoas. Porém o ser da sociedade e das pessoas não pode ser reduzido ou induzido de nenhuma dessas significações nem do conjunto delas. O modo singular de ser de uma sociedade é suscetível de análises lógicas, mas estas análises – por muito amplas, profundas e variadas que sejam- não podem esgotar as possibilidades de ser do sócio histórico, nem possuem a capacidade de explica-lo de modo exaustivo e determinado. (RUIZ, 2003, p. 51).

Somente com o passar do tempo e ao adquirir experiência e vivencia sobre sua profissão é que o educador poderá alcançar maturidade docente, dessa forma cada dia trabalhado é também um dia que foi acumulado experiência em sala de aula, e cada dia as mudanças vão moldando o educador. É a busca do caminho para tornar-se um profissional da educação, mas um educador que possa desenvolver a alteridade com seus alunos, quando ele consegue realizar tal ação sua condição psíquica pode ser sempre trabalhada para entender que:

A visão do mundo como algo determinado restringe a práxis humana a descobrir a realidade oculta pela superficialidade mutante e descontínua dos fatos. Em tal caso, a racionalidade se apresenta como o ponto de partida, o caminho e o objetivo final a ser atingido: racionalizando o real, realizamos sua essência racional. Este é o modelo de racionalidade instrumental que de várias formas vem sendo implementado hegemonicamente em nossas sociedades durante os últimos século

[...] Ao ousarmos pensar a realidade desde a perspectiva da indeterminação, emerge um mundo novo de indefinidas possibilidades de ser. Ao conceber a realidade como algo indeterminado, a práxis humana não se limita a descobrir o já implícito, mas a criar o inédito. Se a realidade está permeada pela indeterminação, o conhecimento das inegáveis regularidades que constituem parcialmente o real formaria um aspecto complementar da sua natureza, porém o objetivo da práxis humana não se restringiria a conhecer o já existente, para aplica-lo corretamente, mas a criar novidades sócio histórica. Se a realidade é indeterminada, o caminho da criação sócio histórica está aberto. (RUIZ, 2003, p. 34-35).

Sentir-se motivado simplesmente para seguir o caminho da docência pelo fato de ver alunos empolgados a querer aprender, ou compartilhar da dedicação de um aluno em cumprir suas tarefas ou exercícios escolares com alegria, como se fosse uma brincadeira em que o professor e aluno brincam juntos, é um sentimento que renova e faz com que alguns se apaixonem a cada dia pela prática docente. No entanto, muitas vezes ocorrem dificuldades nas salas de aulas, e que o trabalho docente é árduo, e a cada momento envolve o licenciado em diversas situações emotivas. Que podem levar o educador a não se sentir capaz de prosseguir na carreira, os problemas financeiros, estrutural e as políticas voltadas para a educação são algumas das situações que fogem do controle do professor deixando-o entre sua profissão e o bem estar da família.

Essa linha tênue que une o amor pela docência e todo o restante que acompanha o professor, que é um ser humano sujeito as mais diversas situações, mas que tem por profissionalismo conduzir o aluno a apreensão do ensino na ciência geográfica como um fator preponderante para unir o conhecimento discutido nos textos em sala de aula e exposições com a dinâmica vivida e observada na materialidade, de maneira que cada aluno possa entender o assunto exposto na disciplina de acordo com o que vê e toca.

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência. “Perder a localização”, é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem (DARDEL, 2011, p. 14).

Segundo Castro (2010) é necessário da parte do professor ter a consciência que o saber não tem como ser linear a quem é aplicado, o ensinar possui curvas acintosas que não são fixas, pelo contrário estas se movem na fala do professor durante o diálogo, no modo como ele expõem o assunto em sala de aula para com os estudantes. E, as multiformidades e a aplicabilidade do ensino devem ser diversificadas.

Castro (2010) entende e evidencia em seu texto que o professor deve buscar a melhor maneira de falar com seus alunos, expondo o assunto de maneira que o discente possa compreender durante sua fala a explicação. A linguagem deve tocar o outro a ponto dele participar do diálogo e não ser um monólogo torturante para o aluno e que frustre o educador, deve-se manter sempre vivo na memória que no passado o professor foi aluno, desse modo ele deve ficar atento a não cair na armadilha do monólogo, onde ele finge que ensina e o aluno finge que estuda.

Algumas vezes o cansaço torna desestimulante e maçante para o docente que já fadigado acaba sucumbindo pela mesmice, a aula torna-se desinteressante para ele. São muitas as tarefas que o professor executa, isto vale para toda a categoria, levando-o a ‘sobreviver’ da profissão, enquanto que deveria viver dela, são valores invertidos em nossa sociedade o educador não possui

remuneração adequada, o lugar de ensino (salas da escola), os equipamentos em péssimo estado de conservação quanto mais para os alunos que necessitam de estímulos para a aprendizagem.

Se o educador não tiver em sua personalidade as possibilidades dadas pelo dinamismo do *animus* e *anima*, dificilmente ele poderá atender às dificuldades inerentes a essas complexas relações intra-institucionais (escola) e interinstitucionais (escola-família) [...] A difícil e útil tarefa de poder e saber ouvir o que o outro tem a nos dizer, não só quando concordamos com o outro, mas principalmente quando dele discordamos, traz desenvolvendo neste padrão. Poderemos pensar algo, termos às vezes certeza daquilo, ouvir outra coisa e poderemos “dar ré” nas nossas próprias convicções faz parte do exercício humano da humildade, tão complicado. (GALIÁS, 1989, p. 91).

O ato de ensinar é exercido e manifestado pelo verdadeiro educador, amante do ensino por quem consegue fazê-lo com amor, paixão e emoção. O educador não deve fazer separação entre emoção e a razão, pois quando há separação entre as duas a aprendizagem não é atingida, ela fica simplesmente em nível de informação e o aluno esquece quase tudo o que foi ensinado. Ora, como bem diz Dardel (2011, p. 2) o “espaço geométrico não é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem nome próprio” esse espaço deve ser apresentado ao aluno, e para tal o professor deve conhecê-lo.

A percepção de que, como professores, estamos nos desenvolvendo, ou seja, estruturando também a nossa personalidade e não somente a do aluno, é fundamental. Penso que daí pode decorrer outra atitude do professor em relação a seu papel, à medida em que ele se percebe incluído no processo de desenvolvimento, justamente com seu aluno [...] É necessário para que esse processo ocorra plenamente, portanto que o professor se desempenhe como o “humanizador”. (GALIÁS, 1989, p. 90).

A argumentação a ser evidenciada na prática da docência é específica a cada sala, e, é particular a cada professor e aluno. Com isso as explanações devem tocar o discente no contexto social em que está inserido, pois não adianta usar determinado tipo de linguagem que não faça sentido ao aluno, o conhecimento só poderá ser interligado no contexto em que ele for realizado, isto de acordo com a realidade simbólica, na busca de compreender o conhecimento da diferença de cada aluno e a possibilidade de que o educador continue a exercer sua profissão com o mesmo entusiasmo do início de sua carreira.

Considerações Finais

O educador não é o dono do saber apenas detém uma parte dele e técnicas para ensiná-lo, e o saber não é mercadoria para ser vendido e consumido ele deve ser buscado, conquistado e explorado, o educador deve conhecer o máximo possível de formas para propiciar o aprendizado.

Compreende-se que existem problemas em excesso na educação brasileira, e há demasiadamente muito trabalho até que se chegue a uma educação ideal (a qual podemos considerar como uma utopia), muita coisa ainda tem que ser ajustada para que o ensino seja repassado com qualidade e a geografia seja melhor compreendida não só nos anos iniciais, mas que cada aluno de ensino fundamental e médio tenham um bom aprendizado.

Dessa forma acredita-se que o docente de geografia auxiliara na formação de um pensamento crítico, para que os assuntos pertinentes a ciência geográfica ministrados nas escolas

deixem de ser apenas informativos ou noticiários. Deve-se fazer valer o objetivo da educação, que é não somente levar conhecimentos, mais fazê-los pensar geograficamente e analisar os problemas sociais com intuito de resolve-los, e assim viver conscientemente.

Referências

- CASTRO, Sheila. **Docente/Discente**: O caminho do ensino/aprendizagem. In Revista Primeira Versão, Porto Velho: Ano VIII, Nº 253/EDUFRO, 2010.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GALIÁS, Iraci. **Ensinar – Aprender**: Uma Polaridade no Desenvolvimento Simbólico. In Junguiana Revista da sociedade brasileira de psicologia analítica. Rio do Janeiro: Nº. 7, 1989. p. 89-99.
- SEDUC, Guia de Orientações Básicas em Legislação Educacional e Procedimentos Administrativos para Gestão Escolar. **Programa de Controle e Acompanhamento**. PCA/GACA/SEDUC-RO. 4º Edição, 2013.
- NICOLA, Abbagnano. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL. **Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- RUIZ, Castor Bartolomé. **Os Paradoxos do Imaginário**. São Leopoldo: editora UNISINOS, 2003.